

**MASCULINIDADES EM “MUNDO ESTRANHO” - DISNEY E A REPRESENTAÇÃO
POSITIVADA PARA HOMENS NEGROS NÃO HETEROSSEXUAIS**

**MASCULINIDADES EN “MUNDO EXTRAÑO” - DISNEY Y LA REPRESENTACIÓN
POSITIVA DE LOS HOMBRES NEGROS NO HETEROSEXUALES**

**MASCULINITIES IN A “STRANGE WORLD” - DISNEY AND THE POSITIVE
REPRESENTATION OF NON-HETEROSEXUAL BLACK MEN**



Andrey Gabriel Souza da CRUZ¹
e-mail: andrey_gabriel.sdc@hotmail.com



Teresa Kazuko TERUYA²
e-mail: tkteruya@uem.br



Eliane Rose MAIO³
e-mail: ermaio@uem.br

Como referenciar este artigo:

CRUZ, A. G. S.; TERUYA, T. K.; MAIO, E. R. Masculinidades em “Mundo Estranho” - Disney e a representação positivada para homens negros não heterossexuais. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 34, n. 00, e023022, 2023. e-ISSN: 2236-0441. DOI: <https://doi.org/10.32930/nuances.v34i00.9893>



| **Submetido em:** 18/09/2023
| **Revisões requeridas em:** 23/10/2023
| **Aprovado em:** 24/11/2023
| **Publicado em:** 30/12/2023

Editores: Profa. Dra. Rosiane de Fátima Ponce
Prof. Dr. Paulo César de Almeida Raboni
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá – PR – Brasil. Mestrando Bolsista Capes no Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (2022 --) na linha de Ensino, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano.

² Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá – PR – Brasil. Aposentada pela Universidade Estadual de Maringá e professora voluntária do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da Universidade Estadual de Maringá-PR. Líder do Grupo de Pesquisa em Educação, Mídia e Estudos Culturais - GPEMEC. Orienta teses e dissertações na área de Educação, especialmente nos seguintes temas: educação, formação docente, estudos culturais.

³ Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá – PR – Brasil. Professora do Mestrado e Doutorado em Educação - PPE, UEM. É Coordenadora do GT23: Gênero, Sexualidade e Educação, da ANPED (2024-2025). É líder do grupo de pesquisa CNPq, intitulado Núcleo de Estudos e Pesquisas em Diversidade Sexual - NUDISEX.

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar as vivências e interações entre masculinidades tendo como referencial um adolescente negro não heterossexual, o personagem Ethan Clade da animação Disney “Mundo Estranho”. Dado os marcadores sociais que carrega, encontramos a oportunidade de dialogar quanto à pluralidade de masculinidades presentes no corpo social, embasando-nos em discussões sobre gênero, bem como uma discussão quanto aos impactos das mídias na constituição de homens negros e não heterossexuais, utilizando dos campos dos Estudos Culturais e dos Estudos da Cultura Visual. Como caminho metodológico, utilizamos o conjunto de procedimentos analíticos que orientam investigações visuais PROVOQUE. Para a organização do texto, inicialmente dialogamos sobre construção identitária, seguido da apresentação do objeto de análise e um aprofundamento nas questões de gênero, masculinidades, raça e sexualidade, para posteriormente, analisar dois recortes de cenas do filme. Finalizando a escrita contemplando a potencialidade da representação positivada de um corpo tido como dissidente.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade. Negritude. Sexualidade. Estudos Culturais. Disney.

RESUMEN: El objetivo de este artículo es analizar las experiencias e interacciones entre masculinidades, tomando como referencia a un adolescente negro no heterossexual, el personaje Ethan Clade de la animación de Disney “Strange World”. Dados los marcadores sociales que conlleva, encontramos la oportunidad de discutir la pluralidad de masculinidades presentes en el cuerpo social, a partir de discusiones sobre género, así como una discusión sobre los impactos de los medios de comunicación en la constitución de personas negras y no heterossexuales hombres, utilizando los campos de Estudios Culturales y Estudios de Cultura Visual. Como camino metodológico utilizamos el conjunto de procedimientos analíticos que guían las investigaciones visuales de PROVOQUE. Para organizar el texto, se discutió inicialmente la construcción de la identidad, seguido de la presentación del objeto de análisis y una mirada más profunda a cuestiones de género, masculinidades, raza y sexualidad, para luego analizar dos cortes de escenas de la película. Terminar el escrito contemplando el potencial de la representación positiva de un organismo considerado disidente.

PALABRAS CLAVE: Masculinidad. Negritud. Sexualidad. Estudios culturales. Disney.

ABSTRACT: This article aims to analyze the experiences and interactions between masculinities using as a reference point a non-heterossexual black adolescent, the character Ethan Clade from the Disney animation “Strange World”. Given the social markers he carries, we find an opportunity to discuss the plurality of masculinities present in the social body, grounding ourselves in discussions about gender, as well as a discussion about the impacts of media on the formation of black and non-heterossexual men, using the fields of Cultural Studies and Visual Culture Studies. As a methodological approach, we employ the set of analytical procedures that guide visual investigations PROVOKE. To organize the text, we initially discuss identity construction, followed by the presentation of the object of analysis and a deepening into issues of gender, masculinities, race, and sexuality, to subsequently analyze two scenes from the film. We conclude the writing by considering the potentiality of the positive representation of a body seen as a dissident.

KEYWORDS: Masculinity. Blackness. Sexuality. Cultural Studies. Disney.

Introdução

Tratar de identidade, pautado em uma perspectiva pós-moderna, implica em lidar com a ideia de “diferenças” e representações. A compreensão de que em sociedade, aqueles(as) que nos cercam podem ser semelhantes, ou constituídos(as) a partir da alteridade, explicita-nos como as identidades são compostas por inter cruzamentos e intersecções diversas, construindo “outros(as)”. Em sociedades que hierarquizam corpos e delimitam vivências, compreendemos como os marcadores sociais que compõem as identidades, desembocam em vantagens ou desvantagens na vida cotidiana. Em outras palavras, nossos marcadores sociais, raça, gênero, sexualidade e afins, para além de nos constituir enquanto indivíduos, são influenciadores sobre a trajetória e vivência social de cada pessoa. Comunidades/culturas patriarcais, machistas, racistas e LGBTIfóbicas⁴, como a brasileira, evidenciam quais corpos encontram espaços, positividade na representação e acessos para uma vida plena assegurada de direitos básicos e fundamentais, conseqüentemente, delimitam-se também quais corpos estão fadados a serem interpelados por mazelas e de certa forma, descartados e marginalizados, e tais mazelas podem ser consequência da subordinação de um marcador social inferiorizado, ou a convergência/intersecção de inúmeros. Como explicita a pesquisadora afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw (2002, p. 177) sobre a convergência das opressões, que fora nomeado como interseccionalidades, “[...] é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação”.

Compreendendo a hierarquização social das existências, este artigo, tem por objetivo analisar as vivências e interações experienciadas pelo personagem Ethan Clade da animação “Mundo Estranho”, lançada em 2022, com personagens masculinos. Visando dialogar sobre a ação da mídia na construção de masculinidades negras, as possibilidades de identificação com a narrativa e a positivação de corpos sobrecarregados com eixos de subordinação. Caminhando entre os campos dos Estudos Culturais, Estudos da Cultura Visual, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Sexualidade. A intenção está em problematizar como as produções midiáticas atuam enquanto pedagogias culturais, ora reforçando estereótipos racistas, LGBTIfóbicos e demais

⁴ Uso aqui o acrônimo na seguinte configuração: LGBTI. Com base na pesquisadora Jaqueline Gomes de Jesus, entendemos a pertinência de detalhar o significado do acrônimo que se soma ao sufixo fobia, ao evidenciar e denunciar as violências que atravessam tal grupo de pessoas em sociedade, para tornar mais objetivo o entendimento sobre de quem estou me referindo. É válido ressaltar também que o acrônimo inclui categorias distintas, sendo orientações sexuais e identidades de gênero. De forma sequencial, LGBTI refere-se a lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros/trans/travestis e intersexuais.

opressões, ora, apresentando possibilidades de ser e existir para além de narrativas fixas, limitantes e cruéis.

O pesquisador brasileiro Silvio Almeida (2019) explica que a mídia comporta uma parcela significativa de responsabilidade sobre a construção e dispersão de imaginários e categorização dos corpos, no que tangem as questões raciais. Ele expressa como os estereótipos recorrentes que atravessam corpos negros, foram (e ainda são) fomentados em produções audiovisuais.

O racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional. Após anos vendo telenovelas brasileiras, um indivíduo vai acabar se convencendo de que mulheres negras têm uma vocação natural para o trabalho doméstico, que a personalidade de homens negros oscila invariavelmente entre criminosos e pessoas profundamente ingênuas [...] (ALMEIDA, 2019, p. 65).

Almeida (2019, p. 65) reforça como a mídia e as representações dispersas na/pela cultura visual operaram/operam como ferramentas para a naturalização de ações e pensamentos discriminatórios e racistas sobre corpos negros, (de)limitando significados e posições de sujeito. Na construção das identidades na pós-modernidade, observa-se como as interferências culturais, históricas e sociais assumem papel significativo (se não central) na dinâmica do ser. Nos Estudos Culturais, o britânico-jamaicano Stuart Hall (2020, p. 11) expressa como “a identidade torna-se uma celebração-móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais”, logo, a mídia enquanto produto cultural, como Almeida (2019) expressa, influencia tanto nossas formas de ser, agir e pensar, sendo uma das instituições sociais que ditam e ensinam os moldes que cercam raça, gênero e sexualidade.

Há, portanto, uma urgência em analisar as produções midiáticas, uma vez que estas criam e dispersam representações e posições idealizadas de sujeitos, predominantemente por grupos hegemônicos. A necessidade do desenvolvimento de uma maior criticidade perante o que é consumido se prova na medida que passamos a compreender como as narrativas ficcionais moldam nossas percepções sobre aqueles(as) que nos rodeiam, assim como interferem em nossa própria percepção sobre quem somos, o que podemos ser e os lugares que podemos ou não ocupar.

O racismo estabelecerá a linha divisória entre os superiores e inferiores, entre bons e maus, entre os grupos que merecem viver e os que merecem morrer, entre os que terão a vida prolongada e os que serão deixados para a morte. E que se entenda que a morte aqui não é apenas a retirada da vida, mas também é entendida como a exposição ao risco da morte, a morte política, a expulsão e a rejeição (ALMEIDA, 2019, p. 115).

Da mesma forma, o diálogo proposto por Almeida (2019), ao evidenciar questões raciais, pode ser paralelo para compreendermos as adversidades e violências enfrentadas pelos corpos femininos e pelas pessoas LGBTI, bem como por aqueles corpos que reúnem marcadores socialmente marginalizados, sem a intenção de hierarquizar ou igualar as opressões.

Lidando com as construções identitárias, a ideia de representação encontra-se como pilar estruturante deste artigo. O pesquisador francês caribenho de Martinica, Frantz Fanon⁵ (2008), expõe como somos constituídos a partir das nossas diferenças. Divergências estas que são denotadas por intermédio dos nossos múltiplos contatos em sociedade. Ao relatar sobre a presença e o contato colonial de pessoas brancas com malgaxes (adjetivo que caracteriza o(a) habitante da República Democrática de Madagascar, na costa sudeste africana, pessoas não brancas), Fanon (2008) ressalta como a aparição desses(as) “outros(as)”, pessoas brancas, corporificando a “diferença”, resultou em implicações sociais do povo nativo. “Se ele é malgaxe, é porque o branco chegou, e se, em um dado momento da sua história, ele foi levado a se questionar se era ou não um homem, é que lhe contestavam sua humanidade” (FANON, 2008, p. 94).

Como reforça Hall (2020, p. 12), identidade “[...] é definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”, logo, reiteramos a importância da avaliação das interferências históricas e culturais na composição das identidades, bem como as intersecções de raça, gênero, sexualidade, classe social, etnia, localidade e tantas outras características que são pensadas e elaboradas no tempo e na cultura com imposições, restrições, narrativas e estereótipos específicos. O que por vezes é entendido apenas enquanto advérbios (marcadores sociais), na realidade operam e comportam delimitações, expectativas e especificidades sobre os corpos, apresentando formas de ser, existir e agir no mundo.

⁵ É preciso salientar que as contribuições de Fanon (2008) são de grande valia nas discussões raciais, todavia, sua trajetória também é atravessada de conclusões controversas quanto a homossexualidade negra, como se essa fosse inexistente, sem homoafetividade entre homens negros, decorrente apenas da influência maléfica da branquitude, existente para satisfação branca como mais uma via do racismo. A pesquisadora Megg Rayara de Oliveira (2020, p. 94) apresenta-nos tais discussões ao trabalhar Frantz Fanon. Entretanto, é válido frisar que aquilo que entendemos enquanto um “deslize” no pensar sobre minorias, não anula ou invalida o saber produzido e distribuído quanto as questões raciais.

As características que encontram espaços nos seres, manifestando diversidade e pluralidade na existência, em uma perspectiva pós-moderna, enfatiza como cada pessoa não é constituída a partir de uma lógica meramente essencialista, mas sim atravessada pela cultura, em um processo construtivista e performativo. Haja vista que até a parte biológica é significada e apresentada pela cultura e pelos saberes dispersos no social. De acordo com o antropólogo brasileiro Roque de Barros Laraia (2001), nossas características sociais transpõem e rompem com nossa biologia. Dialogando sobre os indivíduos, o autor expressa que “[...] seus comportamentos não são biologicamente determinados. A sua herança genética nada tem a ver com as suas ações e pensamentos, pois todos os seus atos dependem inteiramente de um processo de aprendizado” (LARAIA, 2001, p. 20).

Assim, mais uma vez, somos direcionados(as) à preocupação com as mídias e as imagens, que ao representarem as existências, ensinam formas de ser, agir e pensar. A pesquisadora brasileira Giane Rodrigues de Souza Andrade (2021), reforça-nos a noção de Pedagogias Culturais, compreendendo que o aprender e ensinar não está restrito aos ambientes e instituições entendidas como “educacionais”. As imagens, produções artísticas, cinema, publicidade, brinquedos, músicas, rituais religiosos e outras expressões culturais, imersas em visões ideológicas na cultura, passam a ensinar comportamentos e delimitar posições de sujeito.

Dessa forma, no contexto em que vivemos não é possível ignorar os diferentes espaços de ensino e aprendizagem que vão além dos muros da escola, pois proporcionam informações e múltiplos conhecimentos, contribuindo para a divulgação de estereótipos e a construção de identidades (RODRIGUES, 2020, p. 266).

Longe da perspectiva essencialista e biologizante, e imersa na compreensão das interferências históricas, sociais e culturais na construção das identidades e dos indivíduos, enquanto concebemos os corpos que contemplamos em sociedade, entendemos o quanto somos enxertados(as) com posturas e performances ditas como “adequadas” para cada corpo, sendo posturas dicotômicas e binárias, que indicarão/devem indicar e delimitar o que é e como o corpo há/pode ser. Como expressa a australiana Raewyn Connell, (1995, p. 190), “[...] toda cultura tem uma definição da conduta e dos sentimentos apropriados para os homens. Os rapazes são pressionados a agir e a sentir dessa forma e a se distanciar do comportamento das mulheres, das garotas e da feminilidade, compreendidas como o oposto”.

Connell (1995) dialogando sobre gênero, expõe como a sociedade condicionou a performance do masculino em oposição ao feminino, podendo ser alocado nas mais diversas

intersecções. A partir do pesquisador estadunidense Douglas Kellner (2001), compreendemos as sociedades contemporâneas, ocidentais e capitalistas, pautadas no estabelecimento do ser hegemônico, que há de representar o imaginário coletivo do que é humanidade, bem como do que é positivo e valorizado. Segundo o autor,

[...] para a ideologia, porém, o “eu”, a posição da qual a ideologia fala, é (geralmente) a do branco masculino, ocidental, de classe média ou superior; são posições que veem raças, classes, grupos e sexos diferentes dos seus como secundários, derivativos, inferiores e subversivos (KELLNER, 2001, p.83).

Deste modo, ao passo que a sociedade cria e estabelece quais os critérios para ocupar o lugar da hegemonia, evoca a criação simultânea de toda a divergência/diferença e os lugares pelos quais estes corpos podem circular e ocupar. Sendo aqui válido indagar: diferente em relação a quem? Assim, torna-se perceptível a existência de condutas para todas as pessoas em sociedade, bem como características que devem ser seguidas para o acesso a direitos básicos, que como não chegam a todas as pessoas, tornam-se privilégios. Como exemplo, a condição masculina em sociedades patriarcais e machistas, conforme mencionado anteriormente, proporciona mais privilégios. No entanto, ao adotarmos uma perspectiva interseccional, questionamos para qual tipo de homem esse padrão e posição hegemônica são direcionados, e quais benefícios esse condicionamento proporciona para alguns em detrimento de “outros/as”. Homens não brancos, não cis e não héteros recebem da mesma “definição de conduta” e gozam dos mesmos privilégios que homens brancos nessas sociedades patriarcais, racistas e LGBTIfóbicas?

O escritor inglês-congolês Bola (2020, p. 115), apresenta-nos como a definição e o que se espera do “homem” pode ser diferenciada a partir de intersecções, como a racialidade. Segundo o autor, “[...] aos homens negros, é sempre reservada uma associação estereotípica de ‘mano’, ‘da quebrada’ ou de bandido, uma figura relacionada às drogas e ao crime”. Enquanto dos homens brancos, se espera liderança, bom caráter, governo, força e tudo que pode ser/é positivado em sociedades. Assim, as posições e expectativas temidas socialmente, os lugares limitantes e marginalizados são endereçados aos corpos negros, aqui com a intersecção de serem também masculinos, e a positividade e boas qualidades, destinadas à branquitude. Deste modo, dialogar sobre a constituição das identidades e as performances dos indivíduos em sociedade implica avaliar constantemente as intersecções que atravessam os corpos.

O artigo em questão, idealizado e estruturado a partir de uma pesquisa com delineamento bibliográfico e documental, tem como aporte teórico, já supracitado, os Estudos

Culturais, Estudo da Cultura Visual, Estudos de Gênero e Racialidade. Considerando como a interseção entre diversos campos de estudo proporciona uma ampla problematização em relação à formação das identidades e suas representações, que impactam os corpos na esfera social, surgem tanto possibilidades de existência quanto negações, carregadas de estereótipos e estigmas.

Tendo como objeto de análise o personagem Ethan Clade, um dos protagonistas da animação produzida pela Walt Disney, “Mundo Estranho” (2022), debruçamo-nos em investigar duas cenas de interações entre masculinidades, evidenciando como são elaboradas as narrativas que exprimem a não heterossexualidade⁶ do personagem, apresentado também como um adolescente negro, filho de um casal interracial. Utilizar-se de uma obra midiática produzida pelos Estúdios Disney, endereçada as crianças (público livre), com uma proposta de diversidade, ressalta a preocupação de como as imagens e toda cultura que estas exprimem são pedagógicas. Segundo a pesquisadora brasileira Teresa Kazuko Teruya (2008, p. 5), “as crianças de diferentes culturas vão se apropriando do conteúdo midiático para formar a identidade e a subjetividade derivada das diferentes identidades que se mesclam e se tornam híbridos”.

O pesquisador estadunidense Henri A. Giroux (2013, p. 136), discorre como as produções Disney, sejam filmes, livros, parques e afins, “produzem uma série de identificações que, incansavelmente definem os Estados Unidos como branco, de classe média e heterossexual”. Ainda que a análise desenvolvida pelo pesquisador seja imersa em uma percepção datada na década de 90, e atualmente observamos mínimas transformações nas narrativas audiovisuais e imagéticas da marca Disney, compreendemos a importância da avaliação dos desenvolvimentos dos(as) personagens que performam e materializam diversidade, problematizando assim para garantir que não estejam recorrendo e sendo produzidos a partir de estereótipos, propagando e perpetuando na atualidade preconceitos. “A aparência de aventura feliz e inocência infantil, embora atraente, encobre, neste caso, um universo cultural amplamente conservador em seus valores, colonial em sua produção de diferenças raciais e classe média em sua descrição dos valores familiares” (GIROUX, 2013, p.

⁶ Definimos o personagem como “não heterossexual” com o intuito de não invisibilizar outras sexualidades contidas no acrônimo, pensando por exemplo em homens gays e bissexuais. Haja vista que a narrativa apenas informa que Ethan Clade, um menino cis, é apaixonado por outro menino cis. Logo, não necessariamente é um jovem gay, pois não se declara assim, podendo ser bissexual ou demais orientações sexuais que configurem a partir da relação de duas pessoas do mesmo gênero.

136). Esta afirmação nos indaga então o quanto se transformou nas narrativas imagéticas Disney.

Quanto à organização deste texto, estruturamos da seguinte maneira: em um primeiro momento, apresentamos nosso objeto de análise, isto é, o personagem Ethan Clade, desde a representação imagética, traços, fenótipos, personalidade, marcadores sociais evidenciados, bem como uma síntese da narrativa fílmica. Nesse momento também evidenciamos nosso aporte teórico, dando ênfase para conceitos e debates produzidos no bojo dos Estudos Culturais, com Hall (2016), Tomaz Tadeu da Silva (2014), e outras(os); Estudos da Cultura Visual e Estudos das Masculinidades com Irene Tourinho e Raimundo Martins (2011), Luciana Gruppelli Loponte (2010), João Paulo Baliscei (2021), Raewyn Conell (1995), Luciana Borre Nunes (2010), Bell Hooks (2019), Jaqueline Gomes de Jesus (2012) e outras(os).

Lidando com masculinidades, trazemos em cena o conceito de Políticas da Masculinidade (CONNELL, 1995), que nos possibilita o caminho para a discussão sobre Masculinidade Subordinada e Marginalizada, evidenciando a interseccionalidade. Logo, no segundo momento, ampliamos o debate evidenciando mais intersecções, oportunizando espaço para diálogos quanto às questões étnico-raciais e sexualidade. Dado isto, o afunilar das discussões, desemboca em um aglutinado de informações e conceitos que propiciam uma análise midiática sublinhada por questões de raça, gênero e sexualidade, marcadores acessados para compor o terceiro momento, em que apresentamos a metodologia de análise de imagem adotada por nós, o conjunto de procedimentos que orientam investigações visuais críticas e inventivas, denominado PROVOQUE (BALISCEI, 2020), e assim retomamos o objeto de análise, o personagem Ethan Clade, para atribuir-lhe caráter analítico em duas cenas do filme, discutindo a interação entre corpos de raças e sexualidades diferentes. Para finalizar o artigo, em nossas considerações finais, indicamos como personagens dissidentes, como Ethan Clade, apresentados com ‘naturalidade’ e certa ordinariedade, podem desestabilizar e romper com formas recorrentes e estereotipadas nas representações de indivíduos masculinos negros e não heterossexuais.

Ocupando esse “Mundo Estranho” – Caminhos Teóricos e Campos de Estudos

O objeto de análise selecionado para este artigo trata-se do personagem Ethan Clade, um adolescente negro, não heterossexual, tido como o primeiro protagonista negro e LGBTQIAP+ produzido pela *Walt Disney Animation Studios*. O personagem encontra-se em uma narrativa animada nomeada/traduzida como “Mundo Estranho”, lançada no segundo semestre de 2022 com classificação livre para todas as idades. A animação narra a história de uma família de exploradores/fazendeiros, os Clades, que se aventuram em um novo mundo para solucionar os problemas do local que habitam, Avalon, um lugar fictício. A produção da *Walt Disney Animation Studios*, contou com a participação de nomes renomados e premiados, como Don Hall, diretor, (vencedor do Oscar de Animação em 2015) e Qui Nguyen, diretor e roteirista. A história do longa-metragem se dá basicamente na descoberta de um mundo novo, vibrante em cores e em vida. É esse lugar que ambienta a problemática principal do filme, as intempéries geracionais que atravessam a relação de três homens da família Clade: Jaeger Clade, um homem branco idoso, tido como heterossexual, pai de Searcher Clade, também homem branco e tido também como heterossexual e por fim, Ethan Clade, adolescente negro não heterossexual, filho de Searcher com Meridian Clade, uma mulher negra e neto de Jaeger.

“Mundo Estranho” chega ao público consumidor após uma série de polêmicas envolvendo os Estúdios Disney. Em 2022, outro filme produzido pela Disney apresentou sutilmente a presença de outra personagem LGBTI em uma de suas animações, Alisha Hawthorne, do longa-metragem “*Lightyear*”. Ainda que seja entendida enquanto a primeira apresentação⁷ explícita de homossexualidade presente em uma animação da Disney, a inexpressividade de tempo e desenvolvimento da personagem coadjuvante que se casa com outra mulher na história do filme, tendo uma única cena de beijo (segundos), suscitou em denúncias à companhia que estaria censurando personagens LGBTI, bem como financiando projetos políticos⁸ que feriam a comunidade LGBTI/queer.

As polêmicas envolvendo a empresa Disney, nos retomam as críticas de Giroux (2013), enquanto enfatizava uma quase inexistência de personagens não brancos e não héteros nas produções na década de 90. O que nos parece estar sendo alterado em 2022, haja vista que a atual presidente da *Disney General Entertainment*, Karey Burke, prometeu um aumento

⁷ Na animação “Dois Irmãos” (2020), produção Pixar - subsidiária da *Disney Studios* - há “sutilmente” a menção de um relacionamento lésbico quando a personagem feminina - policial ciclope chamada Spectre - fala sobre a “filha de sua namorada”.

⁸ Leia mais sobre em: <https://www.correiobraziliense.com.br/mundo/2022/03/4992378-entenda-o-que-e-a-don-t-say-gay-a-lei-anti-lgbtqia-financiada-pela-disney.html>.

significativo de inclusão étnico-racial, de gênero e sexualidade nas produções da empresa. Segundo a presidente, até o final do ano 50% dos personagens da Disney seriam LGBTI ou então pertencentes a minorias raciais⁹. Nesse cenário conturbado com denúncias e envolvimento duvidosos da empresa, somos “presenteados(as)” com a narrativa “Mundo Estranho”, que nos oportuniza a discussão sobre raça, gênero e sexualidade, especificamente, nos possibilita a problematização de uma masculinidade negra não heterossexual em produções endereçadas para amplo público.

Delimitando masculinidades como campo de debate, deparamo-nos então com as contribuições de Connell (1995). Todavia, antes de iniciar o detalhamento das masculinidades, é mister entender a categoria gênero, que engloba então as masculinidades. Segundo a brasileira Berenice Bento (2011, p. 550), gênero “é o resultado de tecnologias sofisticadas que produzem corpos-sexuais”, em outras palavras, as formas de ser, agir, se portar, sentir, performar e se apresentar em sociedade, são produções histórico-culturais impostas e ensinadas no corpo social, ancorada em falácias que se fixam no biológico como tentativa de respaldar o que seria adequado para cada indivíduo a partir de seus órgãos sexuais, sendo uma perspectiva ocidental. A pesquisadora brasileira Jaqueline Gomes de Jesus (2012, p. 7) expressa que, “[...] desde criança você foi ensinado(a) a agir e ter uma determinada aparência, de acordo com o seu sexo biológico”, como já supracitado, segundo Laraia (2001) os comportamentos, atos, ações, pensamentos, e aqui acrescentamos as *performances* de gênero, são parte de um processo de aprendizado, e quando limitado em uma lógica binária se define os seres apenas em duas categorias, masculino e feminino (homens e mulheres).

Conforme apontado por Baliscei (2021), os corpos que vêm ao mundo são impactados por projetos de masculinidade e feminilidade, dependendo da genitália revelada, por vezes, meses antes de emergirem do ventre materno.

Ser menino e ser menina não são consequências espontâneas do existir no mundo; pelo contrário, são resultantes de um projeto sutil que envolve ações, reforços e advertências que, repetidamente, atravessam os corpos na tentativa de fazê-los (estritamente) masculinos ou (estritamente) femininos (BALISCEI, 2021, p. 29).

A condicionalidade, binária e estrita, naturalizada como sendo uma ação biológica, apresenta comportamentos, posturas, lugares/posições de sujeitos, espaços e narrativas para os

⁹ Leia mais sobre em: <https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-162947/>.

corpos. A estratificação social, que também se baseia no gênero, delinea o ideal hegemônico do corpo, suas ações e, conseqüentemente, identifica o que é considerado objeto.

Falar de estrutura de relações de gênero significa enfatizar que o gênero é muito mais que interações face a face entre homens e mulheres. Significa enfatizar que o gênero é uma estrutura ampla, englobando a economia e o estado, assim como a família e a sexualidade, tendo, na verdade, uma importante dimensão internacional. O gênero é também uma estrutura complexa, muito mais complexa do que as dicotomias dos "papéis de sexo" ou a biologia reprodutiva sugeririam (CONNELL, 1995, p. 189).

Na hierarquia ideológica vigente, o homem branco, adulto, heterossexual de classe média ou elevada, como apresenta Kellner (2001), ocupa o topo e nesta configuração social, se beneficia de estar em um mundo pensado e projetado para que seu corpo goze de privilégios, direitos básicos e fundamentais para uma vida plena. Pensar em masculinidades então, é compreender que além da dicotomia discutida a partir de um binarismo nos conflitos de gênero, é possível e necessário, encontrar e debater os conflitos e confrontos na pluralidade de ser masculino. As sociedades patriarcais preconizam homens lhes garantindo poder social, político, econômico e representativo com positividade, tudo isso em detrimento de outros(as), mas seriam garantias em uníssono a todos os homens? A afro-estadunidense Bell Hooks (2019), enfatiza como o patriarcado é estabelecido e pensado para homens brancos, logo, têm nítido o corpo a qual há de beneficiar, todavia, ainda assim, coapta corpos negros masculinos, sub-representados, estereotipados e oprimidos pelo racismo no qual o patriarcado se ancora, pois de alguma forma, respingos de seus benefícios podem chegar a tais corpos negros. Mas, até que ponto o patriarcado abraça a pluralidade de homens e masculinidades?

Connell (1995), a partir do conceito de Políticas da Masculinidade, apresenta-nos como a sociedade hierarquiza as masculinidades atribuindo locais e posições pelas quais os indivíduos homens podem ou não circular. A autora elabora assim quatro concepções: Masculinidade Hegemônica, acessada e performada por aqueles indivíduos que correspondem aos padrões sociais e culturais idealizados para pessoas que no nascimento são designados como homens, enraizados nos padrões estabelecidos e aprovados pela cultura em que está inserido, vê-se tal masculinidade acessada por homens brancos (haja vista que a hegemonia é configurada na branquitude), cishéteros, com afeições à virilidade, "autoridade" e atributos tidos como de "homens de verdade"; Masculinidade Cúmplice, sendo composta por homens que por mais que não correspondam em fidedignidade aos padrões hegemônicos cobrados do topo da hierarquia

social, firmam o patriarcado e compactuam com a estruturação da sociedade, pois são beneficiados em inúmeros âmbitos.

Entendemos que as categorias de gêneros criadas e idealizadas em sociedade não apenas ditam performances e formas de ser, são também responsáveis por alocar os corpos em lugares imersos em privilégios, direitos, garantia de vida, saúde, segurança, emprego, possibilidade de dignidade ou a abstenção desses acessos. A disparidade salarial de gênero evidencia como ser homem cis branco oportuniza mais garantias para se estabelecer financeiramente. Os índices de violência contra mulheres, evidenciam como ser homem cis branco garante mais segurança. Os espaços de poder e influência monopolizados por homens cis brancos, denotam como o gênero tem sido determinante para acessos, bem como raça. É preciso desconstruir falácias e ideias que atribuem a organização social a um suposto inatismo e/ou aptidão de um grupo de pessoas sobre outros(as).

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade, importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos (LOURO, 1997, p. 21).

Assim, a manutenção e permanência das desigualdades se escoram em discursos falaciosos que atribuem naturalidade e inatismo na configuração social e cultural dos marcadores sociais, omitindo toda a construção dos indivíduos no coletivo.

Enquanto evidenciamos a sobreposição de um gênero em detrimento de outros, é necessário adentrar-nos também em outras características identitárias que interseccionam as masculinidades criando abismos maiores entre elas. As próximas duas masculinidades destrinchadas por Connell (1995) são as que mais nos interessam neste artigo, haja visto os estigmas e estereótipos que social e culturalmente as atravessam. Connell (1995) apresenta-nos a Masculinidade Subordinada, e aqui a misoginia e a hipervalorização dos atributos designados aos homens (hegemônicos) ganham novas proporções. Na Masculinidade Subordinada estão os homens que se aproximam do que social e culturalmente é entendido e atribuído às mulheres/ao feminino, logo, na lógica machista patriarcal, são características inferiores e inferiorizantes.

Para exemplificação, homens homossexuais estariam alocados na Masculinidade Subordinada, indivíduos que sentem atração afetivo-sexual por outros do mesmo gênero, que exprimem “feminilidade” na fala, nos movimentos do corpo e até no desempenhar de funções

e profissões, na delimitação de atividades masculinas e femininas, até profissões são atribuídas aos gêneros, tal como cores, como disse em vídeo a ex-ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damarens Alves, no ano de 2019, “meninos vestem azul e meninas vestem rosa¹⁰”.

A Masculinidade Subordinada segue também sendo espaço de homens não homossexuais, mas que não operam a partir dos mesmos padrões estabelecidos pela hegemonia com agressividade, virilidade e impulsos sexuais. Homens pacíficos/não violentos, metrossexuais¹¹/ vaidosos e cuidadosos, homens que não compartilham de ações, gestos, prazeres e atitudes atribuídos ao masculino (sendo esportes, vestuários e comportamentos) são também alocados na subalternidade das masculinidades, isso sempre levando em consideração os espaços que estão e o contexto cultural que os circundam, pois ainda que as masculinidades sejam delimitadas com ações e características excludentes, não são postos fixos, logo, o trânsito entre elas é possível em alguns casos. Por exemplo, um homem branco cis gay declaradamente misógino, estaria cooperando em cumplicidade com a hegemonia, ao mesmo passo que intensifica sua opressão.

A repulsa ao feminino e a ênfase na superioridade do masculino padrão hegemônico, nos direciona à produção da pesquisadora brasileira Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017), travesti negra, que nos relata os mecanismos de sobrevivência que utilizara na infância, enquanto sujeita menino e afeminada. A compreensão da pesquisadora durante a infância/adolescência sobre a repulsa ao feminino, ainda mais quando advindo de corpos incumbidos de serem masculinos, fez com que Oliveira (2017) entendesse o que precisaria fazer para tentar ter mínimos acessos e possibilidades de existência.

[...] tornei-me uma pessoa ainda mais introspectiva e tive certeza de que teria trânsito limitado na sociedade e que a única possibilidade de conquistar algum respeito seria adotando em público uma postura nos moldes da norma cis heterossexual. No entanto, essa era apenas uma estratégia de sobrevivência e não um ajustamento [...] (OLIVEIRA, 2017, p. 26).

Observamos então mais uma intersecção possível nas masculinidades, raça, sendo um dos fatores determinantes no enquadramento da Masculinidade Marginalizada. Segundo

¹⁰Leia mais sobre em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damarens-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml> Acesso em: 6 jan. 2023.

¹¹Segundo o brasileiro Wilson Garcia (2004), pode-se definir a ideia de metrossexualidade como a designação atribuída aos homens urbanos que expressam significativa preocupação com sua aparência e denotam uma vaidade elevada.

Connell (1995), esta é constituída por homens com identidades étnico-raciais e socioeconômicas destoantes da “norma” /hegemonia. Homens negros/não brancos, homens pobres e aqueles que não compactuam ao ritmo de consumo capitalista. Aproximando-nos de nossa realidade nacional, homens negros em significativa quantidade estariam “presos” à masculinidade marginalizada por dois fatores elencados por Connell (1995), raça e renda, pois segundo os dados do IBGE de 2022, a taxa de pobreza da população negra é até duas vezes mais que da população branca¹².

A Masculinidade Marginalizada se distancia de modo expressivo da Masculinidade Hegemônica a qual o mundo tanto beneficia, o corpo negro masculino marginalizado lida com os mais diversos estigmas e estereótipos que colocam em xeque não apenas a subjetividade identitária, como também a própria existência. De acordo com o pesquisador brasileiro Adilson Moreira (2019), a marginalidade na qual corpos pertencentes a grupos minoritários se encontram alocados, é mantida pela assimetria de poder a qual os grupos identitários da sociedade têm acesso, os dominantes (homens brancos cisheterossexuais de classe elevada), operam com inúmeras estratégias de subjugação, e a construção de falsas generalizações sobre minorias constrói o ilusório da inutilidade de alguns grupos para atuação na esfera pública. Os “estereótipos não são meras percepções inadequadas sobre certos grupos de indivíduos. Eles possuem uma dimensão claramente política, pois são meios de legitimação de arranjos sociais excludentes” (MOREIRA, 2019. p. 59).

Os estereótipos que interceptam pessoas negras são diversos, e tangem o intelecto, a sexualidade, a civilidade e afins, segundo Almeida (2019, p. 62), ainda que atualmente teorias racistas estejam sendo “desmoralizadas nos meios acadêmicos e nos círculos intelectuais que as gestaram, na cultura popular ainda é possível ouvir sobre a inaptidão dos negros para certas tarefas que exigem preparo intelectual, senso de estratégia autoconfiança [...]”. Hooks (2019), trazendo sobre outra perspectiva cultural e geográfica, nos evidencia, mais uma vez, como há um intercâmbio de estereótipos e formas de opressão sobre pessoas negras. Segundo a autora, na trajetória histórica dos Estados Unidos, homens negros foram lidos e taxados de “preguiçosos”, “violentos”, “fracassados” e mais inúmeros adjetivos negativos. Almeida (2019, p. 63) completa expondo que a utilização dos estereótipos serve como estratégia de “racionalizar” as desigualdades, e podemos ampliar para além do campo racial, nessa

¹²Leia mais sobre em: <https://www.poder360.com.br/brasil/taxa-de-pobreza-de-pretos-e-pardos-e-duas-vezes-maior-diz-ibge/#:~:text=Entre%20pretas%20o%20percentual%20disparou,Brasileiro%20de%20Geografia%20e%20Estat%C3%ADstica>. Acesso em: 6 jan. 2023.

naturalização das desigualdades com um teor “racional”, criam-se pensamentos de que há uma inaptidão intrínseca nos corpos de pessoas negras, mulheres, pessoas com deficiência e pessoas trans que as impedem de ocupar espaços de poder.

Embasado com a brasileira Carla Akotirene (2019, p. 19) entendemos que “a interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado”, retomamos o destrinchar das categorias de masculinidades que compõem nosso bojo teórico e voltamos os olhos novamente ao objeto de análise deste artigo, o personagem Ethan Clade, adolescente negro e não heterossexual. Já apresentadas as posições de masculinidades e a hierarquia que operam, evidenciamos os motivos pelos quais a Masculinidade Subordinada e a Masculinidade Marginalizada são bases para nossa análise, haja vista que Ethan Clade então opera entre elas. Contemplando os estigmas e estereótipos que interpelam corpos homossexuais e negros separadamente, não há como não nos preocuparmos quando estas opressões se interseccionam. Como representar e positivar o corpo negro LGBTI de Ethan Clade? Como se darão as relações com outros homens e a hierarquização entre as masculinidades? Se sexualidade penosamente por vezes é escondida e omitida como “estratégia de sobrevivência” (Oliveira, 2017), como esconder a pele escura que grita negritude e todos os atravessamentos que a interpelam?

Nada de estranho na negritude – Enegrecer e Sorri

*Tinha sete anos apenas,
apenas sete anos,
Que sete anos!
Não chegava nem a cinco!
De repente umas vozes na rua
me gritaram Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!
“Por acaso sou negra?” – me disse
SIM!
“Que coisa é ser negra?”
Negra!
E eu não sabia a triste verdade que aquilo escondia.
Negra!*

(Victória Santa Cruz, Me Gritaron Negra, 1960).

A pesquisadora brasileira Joice Berth, expressa: “Não me descobri negra, fui obrigada a sê-la” (RIBEIRO, 2019, p. 24)¹³. A frase proferida por Berth nos apresenta uma ponte de encontro interessante ao poema “Gritaram-me negra” (nossa tradução), da peruana Victoria Santa Cruz (1922-2014) aqui apresentado na epígrafe desta seção. “Fui obrigada a sê-la”, mas afinal, “Que coisa é ser negra?”. Para além dos fenótipos, traços negróides e atributos culturais, ser negro(a) em sociedades racistas, é adquirir narrativas fixas e inferiorizantes, que alocam tais corpos e sujeitos(as) em constante abjeção.

Quando criança, fui ensinada que a população negra havia sido escrava e ponto, como se não tivesse existido uma vida anterior nas regiões de onde essas pessoas foram tiradas à força. Disseram-me que a população negra era passiva e que “aceitou” a escravidão sem resistência. Também me contaram que a princesa Isabel havia sido sua grande redentora. No entanto, essa era a história contada do ponto de vista dos vencedores, como diz Walter Benjamim. O que não contaram é que [...] (RIBEIRO, 2019, p. 7).

O relato da pesquisadora brasileira, Djamila Ribeiro (2019), coincide com a narrativa apresentada pela também pesquisadora brasileira Cida Bento (2022), ao relatar sobre o episódio vivido pelo seu filho, de então 10 anos, na escola. Bento (2022) expôs o desejo da criança de apartar-se das aulas de História cuja temática fosse escravidão, haja vista que a associação a povos escravizados seria vista como vergonhosa por colegas.

[...] um colega de sala branco, que enquanto voltava para casa com Daniel, apontou para alguns garotos negros limpando para-brisas no semáforo, em troca de algumas moedas, e disse de maneira debochada: ‘Aqueles meninos também são descendentes de escravos! É uma vergonha, né?’ (BENTO, 2022, p. 7).

As imagens e representações adquiridas na infância por Ribeiro (2019) e Daniel, filho de Bento (2022), foram as mesmas, a associação simplista e rasa da população negra unicamente atrelada à escravizados(as) (em decorrência da ação de pessoas brancas), pessoas que foram retiradas de suas terras, que tiveram suas culturas usurpadas e defraudadas, suas vidas abreviadas e suas histórias apagadas, para que assim construíssem um mundo branco em que não as aceitam e que em muitos casos, sequer se envergonham ou geram constrangimento

¹³ Embora a citação expressa seja de Joice Berth, a frase encontra-se nos escritos de Ribeiro (2019), não sendo apresentada enquanto citação direta e sem nenhum indicativo de ser uma afirmação escrita/documentada em outro local, logo, optamos por não trazê-la enquanto apud.

aos(às) seus(suas) descendentes (pessoas brancas da contemporaneidade) ao saberem que muitos(as) de seus(suas) ancestrais foram escravistas e genocidas.

Mesmo depois de uma aula de história, em que o tema era escravidão, o menino dizia que era uma vergonha ser descendente de africanos escravizados. Mesmo depois de ouvir sobre as violências e os abusos incessantes sofridos pelos negros, de ver retratos de navios negreiros abarrotados de seres humanos em condições brutais, com o corpo marcado a ferro, de ler que o trabalho que exerciam ao chegar ao Brasil era forçado, o garoto branco disse que ser negro era motivo de vergonha (BENTO, 2022, p. 8).

Longe de querermos gerar um “peso” sobre nossos(as) contemporâneos(as) ou uma “culpa em demasia” por algo que de fato não fora realizado por estes(as), todavia, a vivência em sociedades racistas, beneficia aqueles(as) que são lidados(as) enquanto norma, sendo assim, a responsabilidade para romper e desmantelar tal estrutura, deve ser assumida também como parte desse reconhecimento histórico e posicionamentos antirracistas. O reconhecimento dos pequenos privilégios que mudam e alteram nossa percepção sobre nós mesmos(as) e sobre os outros/as torna-se fundamental. Um exercício básico da influência histórica em nossa constituição e formação enquanto indivíduos e até mesmo em nossa subjetividade está no reconhecimento de nossas origens. Não é incomum ouvirmos discursos de pessoas brancas que evocam a trajetória familiar com orgulho e afeto, os(as) bisavós(as) e avós(as) imigrantes europeus(ias) que vieram parar em terras brasileiras.

Deixando de lado toda a complexidade histórica dos fatos dos muitos(as) europeus(ias) que receberam terras, incentivos e ajuda para se estabelecerem aqui, em detrimento de muitas pessoas não brancas que aqui já estavam e viveram subjugados(as) e saqueados(as). O reconhecimento genealógico, étnico e cultural, não alcança muitas pessoas negras até hoje, que apenas sabem suas origens pelos traços negroides, por vezes, pela pele escura, pelas texturas de cabelos e pelas narrativas de abusos que atravessam as famílias.

A perda da história étnica, familiar e cultural, oferece riscos à construção da subjetividade. Ainda mais enquanto se compete com narrativas que elevam alguns/algumas e rebaixam “outros(as)”. Segundo a pesquisadora portuguesa Grada Kilomba (2019), estar alocado compulsoriamente e constantemente no lugar de “outro(a)”, já exime e expõe a negação da existência, logo, atinge a subjetividade que é atravessada pela falta de status de sujeito. Corpos negros e não brancos, constantemente apresentados enquanto outros(as) e diferentes, lidam com a invalidação de suas representações, com a própria inexistência e a materialização

daquilo que as pessoas brancas não querem associados a si e a sua racialidade (sendo válido evidenciar que branco é raça), ainda que “pessoas brancas não costumam pensar sobre o que significa pertencer a esse grupo [a branquitude], pois o debate racial é sempre focado na negritude” (RIBEIRO, 2019, p. 31), no(a) “outro(a)”.

Toda vez que sou colocada como “outra” - seja a “outra” indesejada, a “outra” intrusa, a “outra” perigosa, a “outra” violenta, a “outra” passional, seja a “outra” suja, a “outra” excitada, a “outra” selvagem, a “outra” natural, a “outra” desejável ou a “outra” exótica -, estou inevitavelmente experienciando o racismo, pois estou sendo forçada a me tornar a personificação daquilo com que o sujeito branco não quer ser reconhecido. Eu me torno a/o “Outra/o” da branquitude, não o eu - e, portanto, a mim é negado o direito de existir como igual (KILOMBA, 2019, p. 78).

A não possibilidade de se estabelecer como sujeito, como já evidenciado por Kilomba (2019), faz com que as pessoas não brancas tenham acessos dificultados nas interferências sociais e políticas, e a partir da lógica racista, que estabelece a partir da “diferença” uma hierarquia social, as narrativas e representações de pessoas não brancas foram e são visadas e idealizadas pela branquitude que se estabelece como norma. Kilomba (2019, p. 79) expressa cinco formas pelas quais o sujeito negro é entendido e evidenciado como “outro”, sendo pela infantilização, que cria a ideário de que serem pessoas dependentes; pela primitivização, associado a selvageria e natureza; pela Incivilização, identificado como pessoas violentas e ameaças à sociedade; pela Animalização, personificando o animal, selvagem e primata; por fim pela Erotização, na hipersexualização e instintos sexuais. A partir de tais formas, aqueles(as) que detêm a possibilidade de criar narrativas e representações, constroem imaginários que se fixam no social. Não obstante, ver-se apenas enquanto escravizado na história, transpõe a exposição da triste e cruel realidade que atravessa a negritude, mas opera por vezes como apresentação da subalternidade que tenta coaptar corpos negros constantemente.

Tendo as mídias e as imagens como propiciadores e dispersores de estereótipos e preconceitos, a limitada representação de pessoas negras no imagético, não apenas cria uma visão de superioridade da branquitude pela branquitude, mas é tamanho seu impacto que invade a subjetividade de pessoas negras e é absorvida por tais corpos. Eduardo Galeano (2006, p. 154), pesquisador uruguaio, ao falar sobre a percepção latino-americana sobre si, escreve: “tal espelho enganador que ensina às crianças latino-americanas a se olharem com os olhos daqueles que as desprezam, e as condiciona a aceitar como destino uma realidade que as humilha”, de modo semelhante, senão igual, a perpetuação de estereótipos racistas nas inúmeras produções

que nos interpelam, seja na mídia, nas imagens, nos livros didáticos, no ensino e nos mais diversos lugares, operando em teores políticos e pedagógicos, culminam em uma ótica corrompida e inferiorizante.

Enquanto pensamos em racialidade e evidenciamos negritude, torna-se necessário trazer à tona que ainda que a negritude seja experienciada e vivenciada apenas por pessoas negras, ela não é concebida em exclusividade por tais. As interferências políticas, sociais, culturais e históricas aqui já evidenciadas, expõe como as identidades de pessoas negras são constantemente interpeladas por estereótipos racistas criados e consolidados pela branquitude como estratégia de dominação. Logo, enquanto falamos de negritude, pessoas brancas precisam compreender a estruturação de sua racialidade idealizada historicamente em detrimento de outras.

Muitas pessoas brancas atuantes na luta antirracista hoje conseguem reconhecer que todos os brancos (assim como todos dentro de uma cultura supremacista branca) aprenderam a supervalorizar a “branquitude”, assim como aprenderam a desvalorizar a negritude (HOOKS, 2019, 50).

A constituição da negritude é marcada por inúmeros percalços penosos, dolorosos, imersa em estereótipos racistas, limitantes e estratégias de dominação e subordinação, fica mais nítido como, em contrapartida, a branquitude é idealizada na positividade e valorização. De certo modo, por vezes, falar sobre negritude evoca falar sobre dores e pesares, todavia, devemos pensar em outras maneiras de anunciar a racialidade negra para além dos estereótipos recorrentes. Bell Hooks (2019) relata suas experiências em sala de aula com alunos(as) que constantemente apresentavam-se mais interessados(as) em discutir o auto-ódio das pessoas negras e a ânsia pela branquitude do que falar sobre as possibilidades de amar a negritude que carregavam.

O que de fato é compreensível, haja vista que na maior parte do tempo, as narrativas acessadas constantemente para trabalhar negritude são cruéis, seja a aula de História, que não apresenta África ou as contribuições dos povos africanos negros para o mundo, mas apenas a escravidão, sejam as narrativas fílmicas, imagéticas, jornalísticas que insistem em utilizar de estereótipos na apresentação da negritude. “Em um contexto supremacista branco ‘amar a negritude’ raramente é uma postura política refletida no dia a dia, quando é mencionada, é tratada como suspeita, perigosa e ameaçadora” (HOOKS, 2019, 47), amar a negritude além de desafiador, pela busca de positividade nas narrativas, é “assustador”, pois seria o apoderar-se de que é “outro(a)” e marginalizado(a). “O racismo produziu uma autoimagem turva,

prejudicando a mais fundamental capacidade de amar o amor-próprio.”, expressa o pesquisador brasileiro Lucas Motta Veiga (2019).

Amar a negritude, como premissa exposta por Hooks (2019), em sociedades racistas, de fato se depara com a dificuldade de lidar com o ódio (alheio), uma vez que se entender enquanto uma pessoa negra, implica em compreender o quão suscetível seu corpo está a violências e opressões. De acordo com dados do Atlas da Violência 2021 do Brasil, coordenado por Daniel Cerqueira (2021), os corpos mais assassinados ainda são negros.

Em 2019, os negros (soma dos pretos e pardos da classificação do IBGE) representaram 77% das vítimas de homicídios, com uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 29,2. Comparativamente, entre os não negros (soma dos amarelos, brancos e indígenas) a taxa foi de 11,2 para cada 100 mil, o que significa que a chance de um negro ser assassinado é 2,6 vezes superior àquela de uma pessoa não negra. Em outras palavras, no último ano, a taxa de violência letal contra pessoas negras foi 162% maior que entre não negras. Da mesma forma, as mulheres negras representaram 66,0% do total de mulheres assassinadas no Brasil, com uma taxa de mortalidade por 100 mil habitantes de 4,1, em comparação a taxa de 2,5 para mulheres não negras (CERQUEIRA *et al.*, 2021, p. 49).

Amar a negritude, se choca com o medo de perder a vida, segundo o infográfico elaborado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 85,3 % dos homens negros temem morrer assassinados, e 78,5% de homens brancos compartilham do mesmo medo. Cerca de 69,2% dos indivíduos pertencentes à comunidade negra expressam temor de se tornarem vítimas de violência perpetrada pela Polícia Militar, em contraste com apenas 53,9% dos homens brancos. Esse receio é sustentado pela constatação de que 84% das pessoas mortas em decorrência de ações policiais são de origem negra. De acordo com os dados apresentados no infográfico, no ano de 2021, mulheres negras representaram 52,2 % das vítimas de estupro e estupro de vulnerável, foram 70,7% das vítimas de mortes violentas intencionais e 62% das vítimas de feminicídio. Com uma diferença de 13,3%, mulheres negras sofrem mais assédio.

Amar a negritude torna-se complexo quando ela evidencia os pesares que atravessaram os corpos. Veiga (2019, p. 147) ao debater sobre a importância de descolonizar nossa sociedade, ressalta que

[...] descolonizar implica estilhaar as velhas sedimentações culturais, intelectuais e políticas e, mais do que resgatar, criar um senso de valor próprio sobre si mesmo e sobre o povo ao qual se pertence. Pertencemos ao povo que criou a matemática, a filosofia, a medicina, o samba, o jazz, o blues, o rap, o funk, o vogue, o hip hop, as pirâmides do Egito [...].

Sem dúvidas há muito para se amar na negritude, todavia, a estruturação social enraizada no racismo, faz com que as experiências de racialização negra sejam interpeladas por muitos pesares.

Passei por diversas ocasiões na adolescência e na vida adulta em que fui parado pela polícia por parecer “suspeito”, ou por me encaixar em alguma descrição, enquanto fazia coisas normais que as pessoas fazem todo dia, como ir para casa ou caminhar até o mercado. As autoridades, assim como os civis, tratam você com uma desconfiança extraordinária se você estiver ocupando um espaço o qual não esperam sua presença (BOLA, 2020, p. 115).

A estruturação social enraizada no racismo dificulta o autoamor pela racialidade de pessoas não brancas, faz com que as experiências de racialização negra sejam interpeladas por muitos pesares. As representações midiáticas, os espaços destinados a pessoas negras, as significações e narrativas atribuídas à população negra, criam barreiras para amar-se por completo. Entretanto, as movimentações políticas, sociais e culturais, cada vez mais desestabilizam o status quo, rompendo com visões estereotipadas e oportunizando ressignificações para a negritude. Se a mídia e as imagens foram e são capazes de perpetuar o racismo, hoje mais do que nunca, são tomadas também como ferramenta de resistência. Produções seriadas, filmes e artistas com representações não estereotipadas de pessoas negras, oportunizam possibilidades de (r)existência e construção da subjetividade da população não branca.

Os pesquisadores brasileiros Andrey Gabriel Souza da Cruz e João Paulo Baliscei (2021), problematizam o personagem negro, gay e afeminado Eric Effiong, da série *Sex Education*, e evocam como a construção de um personagem acentuado por intersecções pode ser constituído esquivando-se de inúmeros estereótipos, apresentando novas narrativas para corpos que materializam diversidade.

[...] tratar de negritude está, infelizmente, bem engendrado a apresentar pesares e sofreres, quando nos deparamos com as formas de representações de Eric Effiong e passamos a ver certo apreço e amor à negritude, contemplamos as possibilidades de reconhecimento e apresentação positivada que a produção seriada pode desembocar no público de pessoas negras. Esse tipo de representação também é necessário para o desenvolvimento de sujeitos brancos que precisam aprender lidar e conviver com as dissidências, não lhes atribuindo narrativas fixas, limitantes e estigmatizadas a partir de sua racialidade ou de demais marcadores sociais (SOUZA DA CRUZ; BALISCEI, 2021, p. 419).

Analisando Ethan Clade, enquanto artefato cultural como possibilidade de representação de negritude, não heterossexualidade e pedagogia cultural capaz de apresentar formas de ser, pensar e agir, questionamo-nos se é possível contemplar um distanciamento dos estereótipos criados e consolidados pela ideologia racista e homofóbica vigente, a ponto de tornar o personagem referência possível de existência para as pessoas consumidoras. De acordo com Teruya (2008, p. 6), “os filmes animados atuam como novas ‘máquinas de ensinar’ de forma mais persuasiva, pois contam histórias atraentes que ajudam as crianças a compreenderem a si mesmas em forma de entretenimento”, logo nos questionamos sobre os ensinamentos possíveis com “Mundo Estranho”.

“Impressionar esse cara” - Masculinidades e Afetos> análises das interações entre personagens masculinos

Compreendendo que as imagens transcendem a ideia pressuposta pelo senso comum, de atuarem meramente enquanto entretenimento, quando, de acordo com pesquisadores(as) da área, operam de forma pedagógicas sobre as pessoas, tornando-se capazes de representar, ensinar, delimitar ações, modos de pensar, sentimentos e inúmeras interferências, denotamos a importância na problematização das imagens para além de seu caráter estético e contemplativo. O pesquisador espanhol Martín-Barbero (2000, p. 55) evidencia como “a escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados”, logo, estamos constantemente imersos(as) em aprendizados que moldam a subjetividade e identidade das pessoas, e a criticidade perante a mídia, se torna cada vez mais necessária, haja vista que ela está entre as responsáveis pela circulação de saberes e ensinamentos.

A ampliação das formas de ver, problematizar e produzir conhecimento expandiram com os Estudos Culturais, segundo a pesquisadora Luciana Borre Nunes (2010), as atribuições deste campo de pesquisa cooperaram para a desestabilização de um único referencial nos estudos da cultura, assim, os mais diversos grupos sociais minoritários puderam iniciar diálogos e discussões sobre suas participações e atuações no corpo social em suas atribuições nas diversas formas de ser e agir no mundo.

Os Estudos Culturais apresentam como concepção primordial a discussão sobre cultura. Estudam as manifestações culturais de grupos que tiveram, ou ainda têm, por um longo período de nossa história, suas vozes silenciadas pela supremacia de grupos considerados hegemônicos. Seus autores enfocam questões referentes à constituição de identidades inseridas em sistemas de representação. Também tratam das relações sociais imbricadas pelo poder e dos artefatos e pedagogias culturais que contribuem para a nossa formação (NUNES, 2010, p. 18).

Deste modo, ampliam-se os diálogos acerca das identidades constituídas a partir da atuação e dos atravessamentos culturais. Os saberes que se imbricam aos Estudos Culturais, como os estudos Étnico-Raciais, feministas, sobre gênero, masculinidades, diversidade sexual e afins, foram também consolidando relevância, utilizando as imagens e as representações como objetos e caminhos epistêmicos, haja vista ação construtivista que comportam.

Assim, o compartilhamento de sentidos e significados culturalmente construídos, é campo investigativo amplo e necessário, ainda mais quando se evidencia o monopólio por grupos hegemônicos e as lutas constantes pelos significados atribuídos às imagens, pessoas e afins. Segundo Hall (2016, p. 31), “representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos”. As representações então são enraizadas e transbordam visões culturais, logo, nos cabe questionar a partir de qual lente se tem produzido tais representações, qual a lente está “universalizada” na sociedade para que as pessoas decodifiquem e signifiquem em uníssono,

Uma das contribuições mais importantes trazidas pelo debate instituído pelos Estudos Culturais, Estudos da Cultura Visual e dos Estudos Feministas aos nossos modos de ver e interpretar imagens artísticas, é o quanto essas imagens não podem ser vistas simplesmente como “reflexo” ou “comunicação” do que acontece no mundo, elas estão continuamente, constantemente, produzindo significados para este mundo, tendo efeitos diretos em nossas práticas cotidianas e, mais especificamente, em como vivemos e percebemos nossas próprias identidades sexuais e de gênero (LOPONTE, 2010, p. 153).

A partir desse aglutinar de campos de estudos, caminhamos para uma análise de duas cenas da produção animada “Mundo Estranho” com enfoque na relação de Ethan Clade com outros personagens masculinos brancos. Como aporte metodológico, utilizamos dos procedimentos analíticos, denominado PROVOQUE, Problematizando Visualidades e Questionando Estereótipos (BALISCEI, 2020). As proposições advindas do PROVOQUE, que se estrutura também a partir dos Estudos da Cultura Visual e Estudos Culturais, orientam um

caminho que o autor intitula como “investigações visuais críticas e inventivas” (BALISCEI, 2020, p. 62). De semelhante modo, Tourinho e Martins (2011) preconizam uma visão crítica perante o que observamos que se opõe a uma visão acomodada e passiva a tudo, intitulada visão tácita.

Em conformidade com PROVOQUE (BALISCEI, 2020), o artefato cultural selecionado, a animação “Mundo Estranho”, e mais especificamente o personagem Ethan Clade, é analisado com criticidade e problematizações embasadas a partir do aporte teórico dos estudos sobre raça, gênero e sexualidade. O conjunto analítico, nos direciona a busca por estereótipos nas animações, não apenas no que tange à construção imagética dos personagens, mas também quanto as expectativas sobre os corpos negros e masculinos.

Tendo compreensão das vivências em uma sociedade estratificada¹⁴ e hierarquizada, bem como a recorrência de certas representações, ainda mais de corpos ditos como dissidentes, relações e performances, buscamos e problematizamos com/em Ethan Clade a presença, apresentação ou flertes com estereótipos. Conforme explica João Paulo Baliscei (2020, p. 69), a partir dos estereótipos, as “[...]representações visuais simplificam as diferenças, ajustando-as conforme os valores, estéticas e interesses hegemônicos e contribuem para constituir fronteiras simbólicas – a partir dos quais ‘abjeto’ é separado da ‘norma’”.

O PROVOQUE, metodologia utilizada, apresenta-se como uma “pré-rotas” para o desenvolvimento de problematizações perante imagens, oportunizando indicativos de “paradas” nas quais podemos exercitar a criticidade mediante o que nos interpela visualmente e pela narrativa. Estruturado em cinco etapas: Flertando, Percebendo, Estranhando, Dialogando e Compartilhando. Os pontos conectam e oportunizam uma análise visual que contempla as diversas atuações discursivas que a produção possa ter (BALISCEI, 2020). Flertando com o personagem Ethan Clade, encontramos atravessamentos interseccionais que nos despertam interesse na análise da construção de sua narrativa na animação. Apresentado no masculino, enquanto adolescente negro, não heterossexual, explorador, ecologista, Ethan lida e expõe seus sentimentos com uma aparente naturalidade e “inaptidão” juvenil de quem está apaixonado, aqui, por outro menino, nos possibilitando de início notar afastamentos de estereótipos recorrentes nas representações de homens jovens negros, como Bola (2020) evidência.

¹⁴ A produção “Mundo Estranho” (2022), da Walt Disney, é de origem estadunidense, é imprescindível influências culturais do norte global. Todavia, a globalização e os hibridismos culturais, nos possibilitam análises a partir de perspectivas decoloniais. O “intercâmbio” entre opressões oportuniza que possamos dialogar sobre violências sob perspectivas culturais diferentes. Ressaltamos também como o filme inaugura uma sociedade nova e diferente, Avalon.

No que tange às visualidades físicas e as tecnologias que denotam gênero, como vestimentas, percebemos como Ethan Clade não é constituído a partir de visualidades que poderiam ser lidas como “atípicas” à masculinidade hegemônica (CONNELL, 1995), tirando nitidamente sua cor de pele, traja roupas e cores associadas constantemente ao masculino. Já sua não heterossexualidade nos intensifica o flerte com o personagem, que além de corresponder aos nossos interesses de lidar com negritude, masculinidade marginalizada, enquadra-se também na Masculinidade Subordinada (CONNELL, 1995) pelo seu interesse romântico pelo coadjuvante Diazo (menino de topete e cabelos brancos apresentado na Figura 1), outro adolescente não branco e não heterossexual na narrativa.

A aparição de Diazo, a qual Ethan tem interesse romântico, nos oportuniza o primeiro recorte de cena a ser analisado. De acordo com Baliscai (2020), em PROVOQUE, aquilo que desestabiliza ou se difere dos estereótipos recorrentes pode ser capaz de suscitar estranhamentos e gerar perguntas. A interação entre 3 personagens masculinos presentes no compilado de cenas na Figura 1, oportunizam não apenas uma avaliação visual, sobre uma pluralidade de tonalidades de peles, mas também traz uma naturalidade do trato com um afeto homossexual. Ao deparar-se com o garoto que seu filho é apaixonado, *Searcher Clade*, homem branco, em uma narrativa divertida, utiliza seu tempo em cena conversando com o rapaz falando dos atributos positivos de seu filho Ethan, como em uma estratégia de ajudar com que ele conquiste o amado.

Figura 1 - Composta por 9 Print Screens



Fonte: *Print Screens* da animação “Mundo Estranho” (2022), referente as minitagens aproximadas entre 11’00” e 12’10” localizados na plataforma de *streaming Disney Plus*.

Focando em Searcher Clade, frisamos sua racialidade, sendo uma pessoa branca, assim, torna-se válida evidenciar novamente como Ethan Clade é resultado de uma relação interracial entre Searcher e Meridian Clade, uma mulher negra. A aparição de Seacher na cena e seu contato com os jovens não brancos, no que tange às relações de masculinidades, de imediato poderia nos levar a uma hierarquização dos corpos, haja vista, que enquanto um sujeito masculino, branco, adulto e heterossexual, Searcher poderia operar enquanto Masculinidade Hegemônica (CONNELL, 1995). Antes mesmo de denotarmos seu relacionamento heterossexual, o corpo branco de Searcher, a partir do contato com “outros(as)”, evocaria distinções visíveis, todavia, o contexto da narrativa animada desvia desses postos, atribuindo afeto e aceitação no personagem perante aquilo que não é normativo, um interesse romântico homoafetivo. Ainda que haja uma constante oposição entre corpos negros e brancos, a aparição de Seacher Clade e todo acolhimento e afeto expresso em cena, tornam “opacas” as possíveis hierarquizações dos corpos, entretanto, não podemos esquecer do como a imagem branca é sempre positivada.

À identidade racial branca estão associados diversos predicados positivos, como a superioridade cultural, beleza estética, integridade moral, sucesso econômico e sexualidade sadia. Obviamente, há um processo paralelo de

construção dos outros grupos raciais como pessoas necessariamente inferiores. A negritude surge a partir da atribuição negativa de características morais e traços fenotípicos das populações africanas (MOREIRA, 2019, p. 42).

Enquadrar essa diversidade geracional, racial e sexual, em diálogos e visualidades leves e imersas em afetividade, aparenta-nos uma estratégia válida e bem executada de naturalizar as “diferenças”/não normativo. O diálogo entre pai e filho, ao se afastarem do amado de Ethan, também nos apresenta um exercício de naturalização dos afetos. Seacher, pai, empolgado em finalmente conhecer o jovem por quem o filho estava apaixonado, narra como lidava com suas paixões quando mais novo, em uma aparente estratégia de acalmá-lo o quanto aos seus amores. O recorte das cenas de interação entre pai e filho, na Figura 1, nos proporcionou a contemplação de certa desestabilização do normativo, aceitação e naturalização de homoafetos por parte do pai e um posicionamento longe de uma mentalidade hegemônica por parte de uma figura adulta, masculina e branca. De certo modo, tal série de ações, nos leva a idealizar até um romper com o que Bento (2011, p. 552) intitula como “heteroterrorismo”, pois

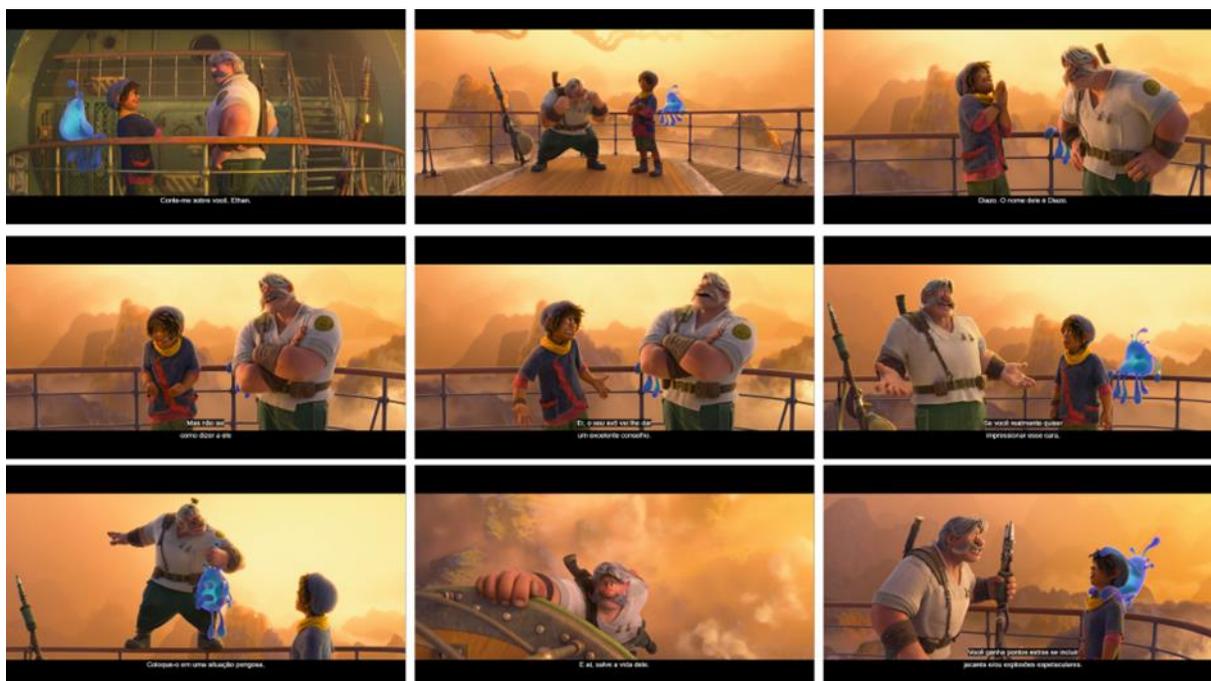
[...] as reiterações que produzem os gêneros e a heterossexualidade são marcadas por um terrorismo contínuo. Há um heteroterrorismo a cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos, a cada insulto ou piada homofóbica. Se um menino gosta de brincar de boneca, os heteroterroristas afirmarão: “Pare com isso! Isso não é coisa de menino!”. A cada reiteração do/a pai/mãe ou professor/a, a cada “menino não chora!”, “comporta-se como menina!”, “isso é coisa de bicha!”, a subjetividade daquele que é o objeto dessas reiterações é minada.

Na Figura 2, o contato entre as masculinidades se dá entre nosso objeto de análise, o adolescente Ethan Clade e seu avô, Jaeger Clade, um homem branco, idoso de 60 anos. Na narrativa da animação, Jaeger, o patriarca entre os Clade, é um grande explorador, apresentado com um corpo robusto, bigode volumoso e um ímpeto por aventuras. As características físicas e atribuições de personalidade nos direciona a atribuir-lhe uma Masculinidade Hegemônica (CONNELL, 1995), ainda que a característica etária possa distanciá-lo um pouco da hegemonia. Em inúmeros momentos da narrativa, fica evidente o apreço de Jaeger com a agressividade e a violência, e ao lado de seu neto, Ethan, as divergências entre as masculinidades não se mostram apenas na visualidade, dado por um corpo negro juvenil e um corpo branco grande e adulto.

Após conhecer o neto, sem tê-lo acompanhado crescer, Jaeger busca atribuições tipicamente tidas como masculinas em Ethan, como o gosto por luta, caça e perigo. Durante a

narrativa, o avô pergunta se o adolescente tem alguma “paquera”, algum interesse romântico, e ao perceber que o adolescente nutre afetos, o avô pergunta “Quem é?”, sem espaço para “Quem é ela?”, em uma lógica normativa heteroterrorista que preconiza que homens devem nutrir interesses românticos apenas por mulheres. A neutralidade de gênero na pergunta, parece-nos um movimento que rompe com expectativas atribuídas ao masculino decorrentes do heteroterrorismo/heterossexualidade compulsória.

Figura 2 - Composta por 9 *Print Screens*



Fonte: *Print Screens* da animação “Mundo Estranho” (2022), referente as minutagens aproximadas entre 50’03” e 50’59” localizados na plataforma de *streaming Disney Plus*

A narrativa em sequência, fruto da pergunta do avô, segue oportunizando estranhamentos positivos. Ethan expõe ao patriarca sua paixão por Diazo, e o avô de imediato com empolgação lhe dá conselhos de como “impressionar esse cara”. Em momento algum na interação entre tais indivíduos masculinos identificamos desconforto ou repreensão a homoafetividade expressa por Ethan. A naturalização da sexualidade não heterossexual do adolescente, por parte do personagem mais velho, que a partir dos ajustamentos aqui levantados apresenta-nos uma masculinidade hegemônica (CONNELL, 1995) que repudiaria outras masculinidades e é constituída pelo racismo, machismo, misoginia e LGBTIfobia, gera novamente a idealização de imagens que desestabilizam estereótipos e oportunizam possibilidades de ser, existir e se relacionar em/com diversidade.

Outro ponto interessante na narrativa e na visualidade do encontro entre Jaeger e Ethan Clade circunda um dos objetos que basicamente torna-se parte da composição imagética do avô, uma arma de lança-chamas. Em nossa sociedade, o objeto arma ganha contornos significativos com a racialidade de quem o porta. Nos últimos anos, sob o governo do ex-presidente do Brasil Jair Bolsonaro (1955 --), que preconizava mais liberações ao acesso a armas de fogo, e assim o fez, o número de registros de caçador, atirador e colecionador (CAC) quase duplicou¹⁵. O discurso atrelado era sempre de “garantir maior liberdade e segurança” ao/à “cidadão/ã de bem”, categoria constantemente evocada em discursos conservadores.

Enquanto pensamos em armas, suas significações quanto à “segurança”, violência e masculinidade, é necessário então enfatizar racialidade, haja vista, que no discurso conservador brasileiro, o(a) “cidadão/ã de bem”, que anda armado(a) para sua “defesa”, deve no mínimo ser branco(a), para não ocasionar estranhamentos e temores sociais, uma vez que corpos negros até desarmados despertam medos e desfechos trágicos, como o recente caso de Dierson Gomes da Silva¹⁶, de 51 anos, homem negro, identificado como catador de recicláveis, com deficiência intelectual, que teve sua vida ceifada em operação da Polícia Militar na Cidade de Deus, Rio de Janeiro, após ser alvejado com tiros dentro do próprio quintal, por carregar um pedaço de madeira que ocasionou “confusão” nos policiais.

Em nota, a corporação da Polícia expressou que “uma equipe se deparou com um homem conduzindo o que aparentava ser um fuzil, pendurado em uma bandoleira. Os policiais efetuaram disparos e o atingiram. O ferido não resistiu”¹⁷. Armas e masculinidades nitidamente dialogam, e atuam com entrelaçamentos à racialidade, pois o corpo negro desarmado é abatido sem questionamentos, quiçá, o(a) “cidadão(ã) de bem” negro(a), armado(a), com o intuito de fazer valer o que o ex-presidente Jair Bolsonaro preconiza como forma de preservação da integridade, teria menos tempo de vida ainda.

Contemplar em Jaeger uma arma e ouvir seus discursos que flertam com a agressividade, de certa forma, nos direcionam novamente ao enquadramento desse personagem na Masculinidade Hegemônica (CONNELL, 1995). Por outro lado, Ethan, demonstrando aversão a alguns dos comandos e exibindo uma aparente personalidade pacífica, embora

¹⁵ De acordo com dados do Anuário de Segurança Pública, o número de licença cresceu na verdade quase cinco vezes. Leia mais em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/06/28/licencas-para-armas-crescem-quase-cinco-vezes-no-governo-bolsonaro-exercito-tem-674-mil-autorizacoes-ativas-mostra-anuario.ghtml> Acesso em 6 jan. 2023

¹⁶ Leia mais em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/01/06/meu-tio-foi-assassinado-pelo-estado-diz-sobrinha-de-catador-morto-pela-pm-em-operacao-na-cidade-de-deus.ghtml> Acesso em 6 de jan. de 2023

¹⁷ Leia mais em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/01/05/catador-de-reciclaveis-e-baleado-na-cidade-de-deus.ghtml> Acesso em 6 jan. 2023

manifeste certo fascínio pela arma de seu avô, parece ocupar e incorporar as Masculinidades Subordinadas e Marginalizadas (CONNELL, 1995). No entanto, apesar da hierarquização das masculinidades exposta por Connell (1995) com as Políticas da Masculinidade, que revelam as violências enfrentadas por aqueles que não ocupam a hegemonia, a representação de Ethan, distante da norma, não é desqualificada nem associada a estereótipos racistas, como animalidade, ignorância, criminalidade, entre outros recortes limitantes (BOLA, 2020; HOOKS, 2019; KILOMBA, 2019), tampouco a estereótipos LGBTifóbicos.

Em ambas as cenas analisadas, seu interesse por outro menino não é ridicularizado, julgado, repreendido e muito menos causa espanto. Sua masculinidade acentuada pela sua racialidade, com evidenciação de traços fenotípicos de pessoas negras, como a cor da pele e seus cabelos, durante a narrativa perante nossa visão, não apresenta ou se escora em estigmas racistas. Cria-se assim uma representação possível e positiva de um jovem preto, vivendo autodescobertas e com problemáticas ordinárias da adolescência, como a dificuldade de expressar seu interesse romântico, não por impedimentos sociais, culturais ou familiares. Contemplamos uma potencialidade na imagem de Ethan Clade enquanto referência positivada para vivências negras e não héteros. Observamos também o impacto desconstrutivo sobre pessoas brancas, que também internalizaram narrativas fixas e subordinadas para corpos dissidentes da norma, conforme expressam Souza da Cruz e Baliscei (2020, p. 115),

[...] as representações e imagens que consumimos no coletivo direcionam nossos olhares e contribuem para que vejamos posições, status sociais, intelectos, poderes aquisitivos e outras características louváveis como próprias de raça, gênero e sexualidade específica.

Deparar-se com a representação de um(a) personagem, que não corresponde a estereótipos internalizados, não apenas oportuniza possibilidades de (r)existência a consumidores(as) negros(as), como também rompe com as segmentações da branquitude que estruturalmente mantêm a sociedade. O entendimento do teor político e pedagógico das imagens, neste artigo utilizando a animação “Mundo Estranho”, nos remete ao que Teruya (2008) evoca, expondo como as subjetividades e identidades são construídas também a partir dos nossos consumos midiáticos. Logo, consumir e se envolver com produções que rompem com estigmas nos proporciona vislumbrar um futuro mais saudável não apenas para minorias e grupos dissidentes, mas também para aqueles que ocupam a norma, permitindo-lhes enxergar para além das lentes que os elevam.

Considerações finais

A produção animada “Mundo Estranho”, material em que encontramos Ethan Clade, tornou-se quase sinônimo de “um mundo ideal”. Vemos na narrativa e nas interações do personagem com seus familiares, uma constante naturalização e posituação de vivências dissidentes. Observamos a possibilidade de encontrar corpos negros e não heterossexuais em protagonismo, longe da recorrência de estereótipos e estigmas racistas, amando e sendo amado. Ethan não apenas evoca a possibilidade de amor e afeto entre indivíduos do mesmo gênero, como mostra a naturalidade que podemos e devemos conquistar no que tange ao trato social perante os sentimentos das pessoas.

Sua representação imagética, nos presenteia com a contemplação de um corpo negro desligado de narrativas tristes e humilhantes, enredos recorrentes em filmes e audiovisuais que trazem pessoas negras. É entendível que parte das produções audiovisuais recentes, operam na estratégia para denunciar males vividos pela população negra, por vezes evidenciando a marginalidade geográfica e econômica que afeta pessoas negras, vivências periféricas interpeladas por descasos governamentais e criminalidade. Todavia, a não apresentação de outras narrativas possíveis, em um exercício constante de denúncia, pode inibir que pessoas negras (crianças), apoderem-se/se imaginem de/em outras narrativas, leves e felizes, como a de Ethan Clade, um explorador, ecologista que ama e é amado. Imaginar em narrativas para além do sofrimento, torna-se urgente para pessoas negras e a construção de subjetividades e identidades sadias.

A criação de personagens aos quais minorias étnicas, raciais, sexuais e outras possam se reconhecer e vislumbrar acessos e existências é crucial. Ethan Clade, portanto, demonstrou-se como tal, além de desestabilizador de uma concepção ilusória do “homem de verdade” que perpetua a violência contra o não normativo. A construção do protagonista enquanto adolescente, masculino, negro e não hétero, evoca existência. Os artefatos culturais que consumimos, não apenas relatam as formas de ver e pensar hegemônicas da sociedade, como também são capazes de trazer à tona o que é marginalizado e subalternizado, ajustando nossas percepções, valorizando o que antes seria negligenciado e inferiorizado. A representação imagética de Ethan, é precedida pelas existências de pessoas como ele, em outras palavras, existem muitos Ethan’s em sociedade, e tais corpos, precisam e têm o direito de reconhecerem-se em/com positividade na mídia.

Entendemos que nesse artigo, não há um esgotamento do objeto de análise, a leitura crítica das duas cenas selecionadas, foram a partir de um crivo específico que vislumbra problematizar masculinidades e os Estudos Culturais e Visuais. Com outros recortes, “Mundo Estranho”, oportunizará muitos caminhos analíticos. Todavia, optamos por destrinchar as interações masculinas dentro de uma mesma família, em torno do mesmo assunto, a possibilidade de amor entre personagens masculinos. Ethan Clade sem dúvida protagoniza o que muitos meninos e homens pretos não heterossexuais sonham: a possibilidade de existir, viver e sentir seus amores sem receios ou temores de aceitação.

CORPUS DE ANÁLISE

MUNDO ESTRANHO. Direção: Don Hall, Qui Nguyen. Produção: Walt Disney Animation Studios. 2022. Streaming Disney Plus (1h e 42min.).

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade.** São Paulo: Pólen, 2019.

ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural.** São Paulo: Pólen, 2019.

ANDRADE, Giane Rodrigues de Souza. O corpo gordo na novela Carrossel e a Pedagogia Cultural. *In: ACCORSI, F. A.; TAKARA, S.; BALISCEI, J. P. (orgs.). Como pode uma pedagogia viver fora da escola?* Estudos sobre pedagogias culturais. Londrina: Syntagma, 2021.

BALISCEI, J. P. **PROVOQUE:** Cultura Visual, Masculinidades e ensino de Artes Visuais. Rio de Janeiro: Metanoia, 2020.

BALISCEI, J. P. **Não se nasce azul ou rosa, torna-se:** cultura visual, gênero e infâncias. 1ed. Salvador: Devires, 2021.

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, 2011. DOI: 10.1590/S0104-026X2011000200016.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ref/a/DMNhhmpzNbKWgH8zbgQhLQks/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2023.

BENTO, C. **O pacto da branquitude.** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BOLA, J. J. **Seja homem:** a masculinidade desmascarada. Porto Alegre: Dublinense, 2020.

CERQUEIRA, D. **Atlas da Violência 2021.** São Paulo: FBSP, 2021.

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725/40671>. Acesso em: 15 jul. 2023.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 171-189, 2002. DOI: 10.1590/S0104-026X2002000100011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2023.

CRUZ, V. S. Me gritaron negra! 1960. *In*: Me gritaron negra! A poeta Victoria Santa Cruz. **Portal Geledés**, 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/me-gritaron-negra-a-poeta-victoria-santa-cruz/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

GARCIA, W. O corpo contemporâneo: a imagem do metrossexual no Brasil. **Mneme - Revista de Humanidades**, [S. l.], v. 5, n. 11, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/230>. Acesso em: 15 jul. 2023.

GALEANO, E. A caminho de uma sociedade da incomunicação? *In*: MORAES, D. (orgs.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

GIROUX, H. Memória e Pedagogia no Maravilhoso Mundo da Disney. *In*: SILVA, T. T. (orgs.). **Alienígenas na Sala de Aula - Uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 2013.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

HOOKS, B. **Olhares negros: raça e representação**. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília: EDA/FBN, 2012.

KELLNER, D. **A cultura da m dia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**, Bauru: EDUSC, 2001.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019

LARAIA, R. B. **Cultura- Um conceito antropológico**. 14.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LOPONTE, L. G. Gênero, visualidade e arte: temas contemporâneos para educação. *In*: ICLE, G. (orgs.). **Pedagogia da arte: entre-lugares da criação**. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARTÍN-BARBERO, J. Desafios culturais da comunicação à educação. **Comunicação & Educação**, v. 18, p. 51-61, 2000. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v0i18p51-61. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36920>. Acesso em: 15 jul. 2023.

MARTINS, R.; TOURINHO, I. Circunstâncias e ingerências da cultura visual. *In*: MARTINS, R.; TOURINHO, I (orgs.). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: UFSM, 2011.

MOREIRA, A. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Pólen, 2019.

MUNDO ESTRANHO. Direção de Don Hall, Qui Nguyen. Produção: Walt Disney Animation Studios. **Streaming Disney Plus**, 2022, Streaming (1h e 42min.).

NUNES, L. B. **As Imagens que Invadem as Salas de Aula: Reflexões sobre Cultura Visual**. São Paulo: Ideias & Letras, 2010.

OLIVEIRA, M. R. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. 2017. Tese (Doutorado em Educação na Linha de Cultura) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

OLIVEIRA, M. R. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. 1ª ed. Salvador: Devires, 2020.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SOUZA DA CRUZ, A. G., BALISCEI, J. P. “Não é uma fantasia, este sou eu”: Discussões sobre a representação e performance da masculinidade negra na série Sex Education (2019). **Revista Crítica Histórica**, [S. l.], v. 11, n. 22, p. 100–130, 2022. DOI: 10.28998/rchv11n22.2020.0006. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/11233>. Acesso em: 15 jul. 2023.

SOUZA DA CRUZ, A. G.; BALISCEI, J. P. Enegrecendo - a potencialidade de imagens negras positivadas na série Sex Education. **Diversidade E Educação**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 402–420, 2021. DOI: 10.14295/de.v9i2.13555. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/13555>. Acesso em: 15 jul. 2023.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TERUYA, T. K. CULTURA DA MÍDIA E DO CONSUMISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL. **Anais do 3º SBECE – Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação – Pedagogias sem fronteiras**. PPGEDU/ULBRA, Canoas, 2008.

VEIGA, L. M. Descolonizando a psicologia: notas para uma psicologia preta. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, n. esp., p. 244-248, 2019. DOI: 10.22409/1984-

0292/v31i_esp/29000. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/fractal/a/NTf4hsLfg85J6s5kYw93GkF/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

CRedit Author Statement

Reconhecimentos: A Universidade Estadual de Maringá e ao Programa de Pós-Graduação em Educação/UEM.

Financiamento: Não houve financiamento para a construção e elaboração deste artigo, todavia, ressaltamos que autor Andrey Gabriel Souza da Cruz é bolsista Capes na Pós-Graduação.

Conflitos de interesse: Entre as partes envolvidas nesse artigo, não há conflitos de interesses de ordem pessoal, comercial, profissional, institucional e/ou acadêmica. Estando todas as pessoas presentes em consonância com a publicação da produção.

Aprovação ética: Sendo uma pesquisa qualitativa, com método de abordagem bibliográfica, não houve necessidade de aprovação em Comitê de Ética em Pesquisa.

Disponibilidade de dados e material: Os dados utilizados, bem como o objeto de análise encontra-se devidamente referenciados.

Contribuições dos autores: Andrey Gabriel Souza da Cruz realizou a escrita do artigo, conceituando, analisando e analisando a objeto de estudos selecionados. Teresa Kazuko Teruya e Eliane Rose Maio supervisionaram, orientaram e revisaram a produção.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

